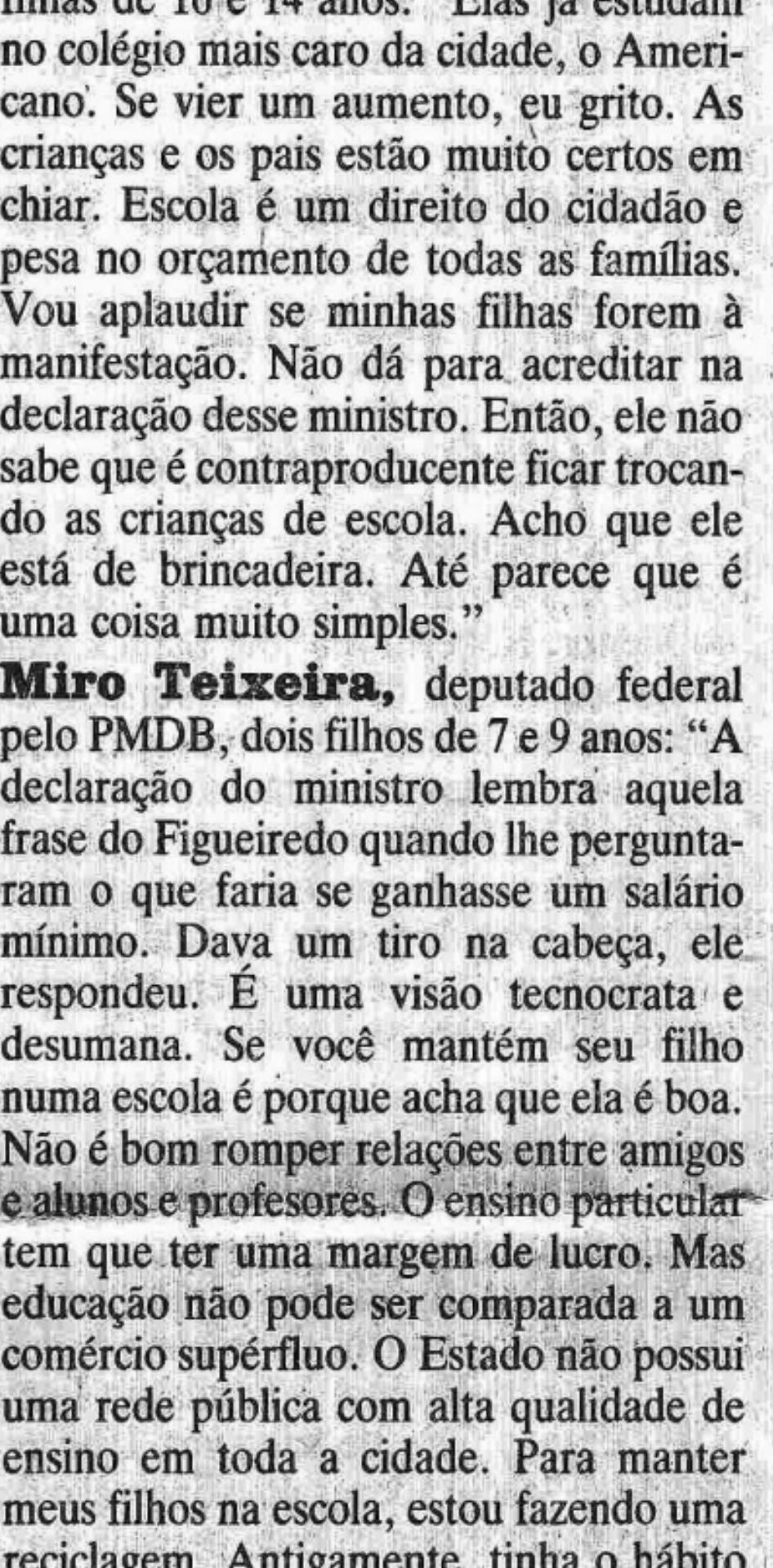


Ninguém aceita a opinião do ministro

Nelson Mota, três filhas de 18, 13 e 7 anos: "É muito calhorda esse ministro dizer que as crianças têm que trocar de escola. É melhor trocar de ministro. É a mesma coisa que dizer que, já que a comida está cara, ninguém deve comer. Educação é um gênero de primeira necessidade. Minhas filhas mais velhas participaram da passeata. Não vou dizer que não fico preocupado, afinal sou veterano de 68. Mas fico em casa orgulhoso rezando por elas. É o que eu posso fazer."



Nelson Mota

Maitê Quatroni, socialite, duas filhas de 16 e 14 anos: "Elas já estudam no colégio mais caro da cidade, o Americano. Se vier um aumento, eu grito. As crianças e os pais estão muito certos em chiar. Escola é um direito do cidadão e pesa no orçamento de todas as famílias. Vou aplaudir se minhas filhas forem à manifestação. Não dá para acreditar na declaração desse ministro. Então, ele não sabe que é contraproducente ficar trocando as crianças de escola. Acho que ele está de brincadeira. Até parece que é uma coisa muito simples."

Miro Teixeira, deputado federal pelo PMDB, dois filhos de 7 e 9 anos: "A declaração do ministro lembra aquela frase do Figueiredo quando lhe perguntaram o que faria se ganhasse um salário mínimo. Dava um tiro na cabeça, ele respondeu. É uma visão tecnocrata e desumana. Se você mantém seu filho numa escola é porque acha que ela é boa. Não é bom romper relações entre amigos e alunos e professores. O ensino particular tem que ter uma margem de lucro. Mas educação não pode ser comparada a um comércio supérfluo. O Estado não possui uma rede pública com alta qualidade de ensino em toda a cidade. Para manter meus filhos na escola, estou fazendo uma reciclagem. Antigamente, tinha o hábito de ir todo o fim de semana para Angra dos Reis. Agora, vou alugar a minha casa."

Candida Andrade, proprietária de uma griffe de calçados, um filho de 4 anos: "Com esses aumentos, não dá para fazer um planejamento. Eu fico revoltada porque a coisa chegou a um ponto em que você sabe que os aumentos não são honestos, coerentes com a inflação. Isso deveria ser vigiado pelo governo. Mas pelas declarações do ministro, não há o menor interesse. A proposta dele está totalmente fora da realidade. Eu até gostaria de ter outro filho, mas do jeito que a coisa está não vai ser fácil."

Carlos Eduardo Dolabela, quatro filhos de 17, 13, 7 e 5 anos: "Está uma paulada, mas não vou seguir os conselhos do Maílson. Não vou deixar cair de nível. Tudo isso é o retrato do Brasil. A única possibilidade que nos dão é baixar a qualidade. O que ele propõe é que eu tire meu filho de um bom colégio e coloque num ruim. Isso não, seu ministro."

Prefeito Saturnino Braga, filha estudante de psicologia na Santa Úrsula e filho cursando História na PUC e Direito na Faculdade Cândido Mendes: "A frase do Ministro Maílson da Nóbrega foi muito infeliz e pode ser comparada à de Maria Antonieta que diante da fome dos franceses disse "não tem pão, comam brioche". O Ministro vai ficar estigmatizado com essa declaração, que deverá ser revista por ele. Os aumentos foram realmente exagerados e cabe ao Governo regular e interferir nos serviços essenciais do país como a educação pública."

Vice-Prefeito Jó Rezende, quatro filhos, dois deles estudantes da Faculdade Hélio Alonso e duas no Espaço e Educação, no Leblon: "Acho a luta dos estudantes justa porque é difícil para um pai de classe média enfrentar a despesa escolar dos filhos. Para mim, apesar da minha esposa trabalhar, é difícil. Além disso, não é possível para nenhum aluno mudar de uma hora para outra, porque a questão financeira, e sim por várias circunstâncias como a localização, a pedagogia, a educação, a adaptação, entre outras variáveis. Realmente não foi um bom conselho do ministro Maílson da Nóbrega. O ideal é que as mensalidades escolares sejam compatíveis com os nossos salários."

Sérgio Andréa, Secretário Municipal de Desenvolvimento Social, dois filhos estudantes no Colégio Ueriri e um na Escola Senador Correia, no Flamengo: "Essa declaração é digna de um ministro da Fazenda da ditadura. O estado deve cumprir o papel de intermediário nessa questão educacional, o que não é papel do ministro da Fazenda. Se todos os alunos resolvessem sair das escolas particulares, a rede municipal, apesar de ter quase mil unidades, não seria suficiente nem para uma parte deles."